



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

**A PESQUISA COMO FIO CONDUTOR NO PROCESSO DE FORMAÇÃO
CONTINUADA DE DISCENTES E DOCENTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA:
ECO's – GRUPO DE PESQUISA DE ESTUDOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA
ESCOLAR, CORPOS E COTIDIANOS**

Carolina Louro
Juliana Slama
Karina Costa
Martha Copolillo
Matheus Mello
Niura Slama

RESUMO

Este artigo tem como propósito apresentar o caminho teórico-metodológico escolhido para os estudos de um grupo que se debruça a pesquisar questões relevantes para o campo da Educação Física Escolar. Considerando toda a multiplicidade de questões que envolvem as reflexões relevantes acerca da Educação Física Escolar, optamos por desenvolver nossos estudos com uma linha de pesquisa que toma o corpo como signifiante central nas nossas discussões, bem como, assumimos o desafio de ir de encontro às concepções dicotomizadas de corpos e, especialmente, de discutir criticamente os modelos e padrões corporais na sociedade e na escola compreendida como uma instituição social.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como propósito apresentar o caminho teórico-metodológico escolhido para os estudos de um grupo que se debruça a pesquisar questões relevantes para o campo da Educação Física Escolar.

Para tanto, é preciso explicitar que esse estudo é um desdobramento das discussões que tem início na disciplina – O Corpo no mundo – desenvolvida na Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal Fluminense. Esse Curso se contrapõe a uma concepção que limita o processo pedagógico ao aprimoramento de gestos motores alienantes e descontextualizados. Assume um novo paradigma para o trabalho no âmbito escolar e, dessa forma, valoriza as múltiplas possibilidades da cultura corporal de movimento e se compromete com processos educativos articulados com as dimensões estéticas, éticas, políticas e sociais.

Nesse contexto, torna-se fundamentalmente importante a incorporação da pesquisa como fio condutor na formação docente, que pensada na conjunção prática/teoria/prática, compreende o *professor como um pesquisador em ação*. Portanto, no que se refere à pesquisa, esta é considerada como um princípio formativo, um componente constitutivo da indissociabilidade teoria/prática pedagógica. A dimensão investigativa da atuação prática fundamenta a



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

construção e a reconstrução das teorias, permitindo a permanente criação e recriação do conhecimento, constituindo assim, um eixo articulador na proposição curricular do Curso.

Dentro dessa lógica, constituímos um grupo formado por uma docente e quatro alunas (os) desta Graduação, mais uma professora da Rede Estadual que, tomando conhecimento das nossas reuniões, juntou-se a nós, motivada pelo exercício da pesquisa e pela afinidade com a temática abordada.

Considerando toda a multiplicidade de questões que envolvem as reflexões relevantes acerca da Educação Física Escolar, optamos por desenvolver nossos estudos com uma linha de pesquisa que toma o corpo como significante central nas nossas discussões, bem como, assumimos o desafio de ir de encontro às concepções dicotomizadas de corpos e, especialmente, de discutir criticamente os modelos e padrões corporais na sociedade e na escola compreendida como uma instituição social.

Mapeando o território a ser explorado

No campo¹ da Educação Física inúmeras pesquisas têm se debruçado sobre o corpo. Discutir, problematizar, investigar, conceituar, historiar por meio de vertentes antropológicas, sociológicas, biológicas, etc., em muito vem contribuindo e fazendo avançar bastante essa área de conhecimento e, sobretudo ressaltando a importância da compreensão dos processos de constituição e de significação dos corpos na sociedade.

No bojo dessas discussões, nossas reflexões vêm nos provocando a *mergulhar* nas questões do corpo buscando novas tensões e enfrentando rupturas que historicamente se fazem presentes, tais como a dicotomia corpo/sujeito. Seguimos nesse caminho com Najmanovich (2001), e ao pensarmos em investir com novos sentidos para buscarmos um estado constante de questionamento em relação a essa dicotomia *abrimos as portas ao pensamento complexo para produzir uma abordagem que permita pensar uma mente corporalizada e um corpo cognitivo emocional* (p.10), *ou seja, pensar num corposujeito*².

Portanto, assumimos para essa proposta de pesquisa o desafio de ir de encontro às concepções dicotomizadas de corpos. Pois entendemos que somos todos nós seres humanos, pertencentes a uma mesma espécie, o que nos faz *corposujeitos* com

¹ Entendemos com Alves (1999), que “os campos são espaços delimitados que pressupõem movimentos, lutas e nos quais se dá a produção, a circulação, a apropriação e a reprodução de conhecimentos teóricos e práticos” (p.118).

² Essa forma de escrita vem sendo usada por pesquisadoras que com os processos metodológicos com os cotidianos buscam, segundo a Professora Dr^a Nilda Alves chamar atenção para o problema que se apresenta quando o pensamento é marcado por dicotomias, e separa-se o que não deve ser separado, posto que um só faça sentido com o outro, como por exemplo, “teoriaprática”, “espaçotempo”, “corposujeito”...



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

semelhanças e diversidades biológicas, e que sem nenhum paradoxo, somos também esses *corposujeitos* que para além de biológicos faz com que cada um de nós sejamos únicos, diferentes. Aqui, cabe ressaltar, como nos fala Macedo (2006), a necessidade de se pensar as diferenças não como diversidades, mas como um discurso relacional em que o próprio sistema de representação está em questionamento. Dessa forma, afirmamos que o *corposujeito* é um território de tensões, de mutações, de movimentos, de espaços de consensos e de conflitos, de fronteiras fluídas, de estabelecimento de relações de dor e prazer, alegrias e tristezas, conquistas e frustrações... enfim, ou melhor, dizendo sem fim, o *corposujeito* possui corporeidade, que é a forma de ser e estar no mundo, é a materialidade corpórea imbricada por histórias que são singulares e plurais inscritas por experiências e vivências individuais e coletivas com as quais nos constituímos sujeitos do mundo, sempre a partir das múltiplas redes de relações nas quais circulamos em nossas vidas cotidianas. Logo, os corpos dos quais falamos são “*artefatos culturais*”, tecidos nos/com os contextos socioculturais nos quais se inserem e, assim sendo, são teias de circulação de culturas híbridas, pois como diz Geertz (1999), a cultura é plural e o *corposujeito* está mergulhado nessas teias que ele mesmo teceu/tece, sendo essas teias as culturas e seus significados.

Concordamos com Najmanovich (2001), quando diz que o *corposujeito* “*emerge de nossa experiência social e histórica num contexto específico e esta atravessado por múltiplos imaginários*” (p.9).

Como diz Santos (2002), “*a existência esgota as possibilidades da existência e, portanto há alternativas susceptíveis de superar o que é criticável no que existe*” (p.23) Dessa forma, o projeto de pesquisa que ora apresentamos é desenvolvido na Escola Estadual Baltazar Bernardino e, como proposta investigativa está marcada pelas relações que se tecem entre a Educação Física e as compreensões de corpo que circulam nesse cotidiano escolar, a partir de alguns sujeitos que fazem parte dessa trama, ou seja, os (as) professores (as) e alunos (as) que vivenciam diversas experiências no dia-a-dia de suas *ações/reflexões/ações* cotidianas.

Como docentes e discentes de Educação Física, temos, ao longo dos anos, *mergulhando* nas múltiplas questões que cercam os processos de constituição dos corpos na sociedade.

Seguimos com Nóvoa (1995), compreendendo que o interesse por essa trama está enredado na nossa *dimensão pessoal* que indissociável da nossa *dimensão profissional* vão trançando os diversos percursos que dão sentido a nossa *dimensão prática/teoriaprática*.³

Nesse caminhar, tomamos como ponto de partida a leitura de outras pesquisas com enfoque na nossa temática, assim, por exemplo, fazemos referência a uma dissertação de Mestrado, na qual professores (as) de Educação Física falaram como sujeitos telespectadores, acerca das concepções de corpo que ganham visibilidade na

³ Como nos coloca Alves (1999), sabemos que não existem disciplinas eminentemente práticas, mas sob essa terminologia os conhecimentos práticos aparecem na escola em todos os níveis.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

mídia televisiva, problematizando os modelos e padrões de uma estética corporal na atualidade (Copolillo, 2002).

Todas essas experiências de leituras e vivências de discussões coletivas nos nossos encontros do Grupo de pesquisa, tem nos levado a buscar por possibilidades de interrogar o que pensamos acerca das nossas compreensões de corpo.

O que nos move, nesta pesquisa, é a possibilidade de estabelecermos relações dialógicas que encaram a polissemia que se encarna nas circularidades de discussões em torno do corpo. Assim, buscamos ir além dos limites das problematizações enraizadas nas dicotomias corpo-alma, para fazermos um esforço de *mergulhar* num mundo do sensível, no qual, subtraídas as suas condições comuns, é habitado por uma potência heterogênea.

Assim sendo, a proposta é de tomar o corpo como significante central para buscar, especialmente em espaços escolares, sentir e pensar com acontecimentos que possibilitam reconfigurar com formas diferenciadas aquilo que comumente é dito, visto e interpretado acerca do que é e do que pode um corpo no cotidiano escolar. (Copolillo, 2011).

Nesse exercício de pesquisadoras (es), esses caminhos foram nos dando algumas pistas que nos instigam a caminhar por outras trilhas e atalhos, para (re) pensar algumas questões que giram em torno dessa temática e, que nos desafiam cotidianamente no exercício contínuo da nossa profissão.

JUSTIFICATIVA

A constituição das histórias cotidianas: os corpos em foco

Partimos do princípio de que quando falamos de corpo, não estamos falando somente de um conjunto de ossos, músculos e nervos..., mas sim de um corpo que tem uma história, que é produto e produtor de cultura e, que, sobretudo traz registros e marcas sociais dos múltiplos contextos com os quais esta se constituindo. A partir desse posicionamento, nos inclinamos a dizer que não existe uma história do corpo e sim histórias, bem como, não existe uma concepção, e sim concepções, portanto não há um corpo e sim corpos.

No entanto, o que vivemos e no que esbarramos a todo o momento é com um esforço contínuo de produção social de um modelo, um padrão de corpo que ganha visibilidade nos ambientes familiar, de trabalho, de lazer, na mídia, no espaço escolar... Modelo esse, geralmente de um corpo jovem, branco, magro e com musculatura definida, que não só assume um lugar de destaque e prestígio social, como também se



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

associa de forma linear e direta ao sucesso e a felicidade. E mais, passa a ser referência para desqualificar e hierarquizar corpos que se diferenciem desse padrão.

Não podemos negar as relações de poder que permeiam o tecido social e, especificamente, as que trabalham no sentido de conformar os estereótipos corporais, esforçando-se para constituir uma concepção hegemônica de corpo.

Mas, ao *mergulharmos* com todos os sentidos na vida cotidiana percebemos que o cotidiano vivido é aquele que não comporta generalizações e que nos coloca constantemente frente a muitas interrogações. Então, pensando com Foucault (1987), o poder para ser exercido precisa se infiltrar e dessa forma se encontra tecido nas múltiplas redes, em todo e qualquer espaço cotidiano, contudo, essas redes, sempre em movimento, vão nos dando indícios de que o poder não se absolutiza, porque nessas redes existem também os movimentos *de resistências e criações*.

Dito dessa forma pensamos que onde há poder, há também resistência, portanto esse processo de convencimento não se dá de forma tranquila, sem conflitos e embates. As normatizações, uniformizações, os enquadramentos *espaçotemporais*, buscam o controle dos sujeitos que, no entanto, não se dá somente por formas de punições explícitas, mas também por formas de seduções e de maneiras sutis. De acordo com o referido autor, as relações de poder vão se trançando em redes que investem sobre os corpos de formas obstinadas, meticulosas e insistentes, sem uma imposição exclusivamente repressora, o que vai fazendo com que seja complexa e ambígua a possibilidade de uma definição de corpo.

METODOLOGIA

Vamos compreendendo que nos estudos com os cotidianos a centralidade das questões não se coloca nos poderes exercidos e sim como e de que de que maneiras o poder é transgredido, burlado. Ou seja, como é que nesses “*espaçotempos*” apropriados por modelos e padrões corporais, outros modelos e padrões continuam sendo produzidos e criados.

Com Ginzburg (1987), vamos à busca, e ficamos atentos às *pistas*, aos *indícios* que me mostram para além do que é evidente e, que nos desafiam toda vez que encaramos os nossos limites e quando envoltos em nossas dúvidas, compreendemos que é nos *usos* do que é imposto é que se criam novos caminhos, novas *estratégias* (Certeau, 1994).

A *noção de redes* é fundamentalmente importante nessa escolha metodológica, não como um conceito, mas como um processo de criação e (re) criação de conhecimentos (...) *que podem ou não ser registrados, oralmente ou pela escrita, mas que serão acumulados na medida em que tiverem sentido para os que participam de sua tessitura, mesmo quando negados pelo poder* (...) (Alves, 1999 p.26).

A pesquisa *com cotidianos* vem nos conquistando cada vez mais que vamos compreendendo, porque vamos vivendo a complexidade que se mostra mutante e imprevisível nos processos das relações sociais e, conseqüentemente nos processos das relações que se tecem nas práticas pedagógicas e nos processos educativos escolares.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

Os percursos que percorremos e os que ainda vamos percorrer nos estudos com os cotidianos são complexos e nos desafiam como nos coloca Morin (2000), ao exercício para o *pensamento multidimensional* buscando, sobretudo, caminhos para o *pensamento dialógico*.

Percebemos a complexidade que envolve essas discussões me aproximo de alguns princípios que tecem a *epistemologia da complexidade* (Morin, 1999). Com ela questionamos as verdades absolutas e a existência de um único caminho possível, o que indica que há sempre muitas possibilidades de interpretações, de conjunções e disjunções, o que facilita entender a não linearidade pelo *princípio do caos*, onde *ordem e desordem* caminham juntas se aventurando por outras ordens. O cotidiano é *complexus*, é *espaçotempo* onde tudo se entrecruza. Então, tomo as palavras desse autor para dizer que

complexus é o que é tecido junto; é o tecido formado por diferentes fios que se transformam numa só coisa. Isto é, tudo se entrecruza, tudo se entrelaça para formar a unidade da complexidade; porém, a unidade do '*complexus*' não destrói a variedade e a diversidade das complexidades que o teceram (1999, p. 188).

Partimos do pressuposto que são nesses *espaçotempos* de tensões que devemos refletir acerca de como determinados corpos são construções *históricasculturais* e vão se legitimando como representações corporais aceitas socialmente, enquanto outros corpos não.

Nesse sentido, a Educação Física enquanto um *campo*, no sentido que lhe atribui Bourdieu (2000), ou seja, como um espaço dinâmico de reproduções e produções de significados, bem como nós, professores (as) que trabalhamos com as suas práticas cotidianas, precisamos ler criticamente essas representações corporais ditas hegemônicas, e procurar desnaturalizar o que nos parece dado como sendo “natural”, “normal”, ao pensarmos nos modelos e estereótipos corporais.

Quando optamos por seguir esse caminho, estamos apostando que ao trabalharmos com narrativas, e *imagensfotográficas* de docentes e de discentes de Educação Física, colocando o processo de auto-reflexão no centro dessas reflexões que se tecem a partir das *dimensões pessoais/profissionais/práticas*, estamos abrindo possibilidades de questionamentos, problematizações e ressignificações de estereótipos e preconceitos relacionados a modelos e padrões corporais que estão postos na nossa sociedade.

Os estudos com os cotidianos não pretendem dar respostas definitivas às questões que se colocam; o que está posto é a busca por compreender como cada um e



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

todos os sujeitos se movimentam, ou seja, o importante para essas pesquisas é como que as pessoas vão dialogando, tecendo relações e (re) criando valores.⁴

Acreditamos que nessas narrativas, diferentes concepções de mundo vão aparecer e, conseqüentemente, diferentes concepções de corpos. Bem como, acreditamos que o difícil exercício de ouvir/dialogar com essas histórias irá contribuir para potencializar uma discussão coletiva em torno do espaço escolar público, que é um campo fértil para a construção de uma proposta político-pedagógica emancipadora da Educação Física, que numa luta contra-hegemônica compreenda que as diferenças estão no mundo e que é necessário que ao invés de tentarmos o que é impossível, ou seja, igualá-las, e quem sabe ainda pior, inferiorizá-las, o que precisamos é aprender a conviver com elas.

Os usos de fotografias se enredam as escolhas desses processos de pesquisas com os cotidianos. Dessa forma, cotidianos e fotografias nos impõem complexidades e, portanto, uma escolha está profundamente marcada pela outra.

Ambos, imagens e cotidianos, são tecidos por redes de significados e conhecimentos que vão muito além daquilo que vemos, portanto, concordo com Alves (2001), quando afirma que as escolhas por trabalhar com os cotidianos, bem como com as imagens, precisam ultrapassar os limites da racionalidade moderna na qual a ciência foi fundada exaltando o sentido da visão e buscando verdades únicas.

Trabalhar com imagens, fotos, inclui interpretações, seleções, escolhas em contextos datados e circunscritos. Pensando com Ciavatta e Alves (2004),

as fotografias não são objetos isolados, independentes. Estão situadas em um contexto e marcadas por quem as produziu pelo olhar de quem as recortou da realidade. Como representação do passado gera uma memória que alimenta a compreensão do presente e orienta as perspectivas do futuro. (p.15).

Esses cotidianos de que falamos são os *lugares praticados* (Certeau, 1994), é o dia a dia que se tece e se retece nos impedindo de senti-los como mesmices e banalizadas repetições para se mostrar a todo o momento novo e surpreendente.

Essa constatação nos aproxima de um modo de fazer pesquisa que se afasta das concepções positivistas das ciências clássicas, que apoiada no paradigma cartesiano separa sujeito/objeto, sentimento/razão, teoria/prática e corpo/alma.

Portanto, ousamos duvidar de modelos generalizantes e de determinismos, *viramos de ponta cabeça* o pensamento da ciência moderna, não aceitamos mais as simplificações respaldadas em que *é preciso ver para crer*. Essas complexas lógicas não nos aprisionam e, inquieta, curiosa não quer só ver, queremos sentir, tocar, cheirar, nos deixar afetar, ou seja, queremos *beber em todas as fontes* (Alves, 2001).

⁴ Segundo a pesquisadora Dr^a Nilda Alves "valores são conhecimentos especiais que nos levam as ações..." (2000).



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

Aqui abrimos um parêntese para dizer que o uso do singular, nesse parágrafo, é para marcar a singularidade de cada contexto pesquisado, pois um cotidiano escolar e uma imagem não apontam nenhuma possibilidade de generalizações.

Portanto, a escolha por trabalhar com narrativas e fotografias, em alguns momentos de cotidianos escolares evidenciados por essa pesquisa, tomam os *usos* de fotografias como momentos de tensões entre o visível e o invisível, entre o apreensível e o inapreensível, entre as certezas e as incertezas com todas as ambiguidades que inumdam e fazem um elo entre fotografia e cotidianidade (Martins, 2008).

OBJETIVOS E METAS DA PESQUISA

Nossa conclusão acerca da sua relevância

Se a Educação Física pode ser, como pensamos uma ciência de práticas cotidianas, precisamos pensar nas suas práticas pedagógicas cotidianas a partir das situações, relações e circunstâncias que envolvem todos os sujeitos que delas participam. Isso significa pensar nas pluralidades, nas subjetividades e nas hibridizações culturais que daí emergem.

O que pretendemos é caminhar no sentido de ampliar as compreensões do que pensamos quando falamos de ‘corpo’, tomando toda polissemia que se encarna nesse e com esse termo, especialmente, com docentes e discentes de Educação Física.

A relevância dessa discussão se funda em processos históricos que, ao longo dos anos, vem colocando a Educação Física, como um campo de saberes fortemente marcado por polarizações e dicotomias, como corpo-alma, teoria-prática.

Ampliar as concepções de corpo é fundamentalmente importante para a Educação Física porque tensiona determinados valores que, ao longo dos anos, vão se naturalizando como características positivas e/ou negativas e vão se constituindo em conceitos que passam a se traduzir em modelos e que, conseqüentemente, geram preconceitos. Dessa forma, os sujeitos que se diferenciam desses modelos hegemônicos passam por um processo de desqualificação nas suas diferenças, acarretando uma exclusão dos mesmos nessa disciplina.

Este Projeto provoca processos de negociações constantes das diferenças culturais que convivem nos *espaçostempos* cotidianos. Parte do pressuposto que o corpo é uma batalha e um desafio político importante que precisamos enfrentar para tensionar as concepções hegemônicas que ainda circulam na Educação e, mais especificamente, na Educação Física Escolar.

A pretensão desta pesquisa é de caminhar nesses sentidos com algumas docentes e discentes que habitam os espaços da Escola Estadual Baltazar Bernardino.

Acreditamos que mexer nesse ‘vespeiro’ é um enfrentamento necessário, o que poderá provocar deslizamentos e nos colocar frente a desafios conceituais que nós, professores (as) de Educação Física precisamos enfrentar nos nossos múltiplos contextos de atuação. Como por exemplo, as *pistas e os indícios* (Ginzburg, 1987) cotidianos vividos em nossos exercícios de pesquisa, que vão nos apontando, que os



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

conhecimentos emergem de redes coletivas e se constituem da *prácticateoriaprática com o corpoalma*.

Essa proposta de pesquisa abre algumas possibilidades para que nós e tantos outros (as) sujeitos do mundo, que somos interessados em abrir processos de *tessituras* de conhecimentos comprometidos com um projeto de uma sociedade inclusiva e solidária possamos colocar em prática esse desejo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Nilda. Tecer conhecimentos em rede. In: ALVES, Nilda, GARCIA, Regina Leite (Orgs.) **O Sentido da Escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

_____. A formação da professora e o uso de multimeios como direito, In: FILÉ, Valter (Org.) **Batuques, fragmentações e fluxos: zapeando pela linguagem audiovisual escolar**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

_____. Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de ALVES, Nilda (Orgs.) **Pesquisa no/do cotidiano das escolas – sobre as redes de saberes**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
BOURDIEU, Pierre. **O poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano. Artes de Fazer**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

COPOLILLO, Martha. **Tecendo significados: Leituras de professores (as) de Educação Física acerca das concepções de corpo na mídia televisiva**. Dissertação de Mestrado – NUTES – UFRJ, 2002.

_____. **Tessituras que tramam algumas redes de conhecimentos e significados que movimentam o cotidiano escolar, com imagensnarrativas de professoras de Educação Física**. Tese de Doutorado – PROPED – UERJ, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis, R.J.: Vozes, 1987.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. R.J.: Editora Afiliada, 1999.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: O cotidiano de um moleiro perseguido pela inquisição**. S.P.: Companhia das Letras, 1987.

MACEDO, Elizabeth. **Currículo como espaço-tempo de fronteira cultural** In: Revista Brasileira de Educação Maio/Ago. 2006 v. 11 n.32 ISSN 1413-2478.
ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da Fotografia e da Imagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

MAUAD, Ana Maria. Fotografia e história, possibilidades de análise. In: ALVES, Nilda e

CIAVATTA Maria. **A Leitura de Imagens na Pesquisa Social História, Comunicação e Educação**. São Paulo: Cortez, 2004.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez, 2000.

_____, **Ciência com consciência.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

NAJMANOVICH, Denise. **O Sujeito encarnado. Questões para pesquisa no/do cotidiano.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NÓVOA, Antonio (Org.). **Vida de Professores.** Portugal: Editor Porto Editora 1995.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências.** Edições Afrontamento, 2002.